

Lore Ratanabá

Construção do universo de Ratanabá.

Personagens e profissões:

Os Pioneiros de Ratanabá: Quem Abriu os Portões

1. Dr. Arthur Mendes (O Arqueólogo) - 54 anos

- Perfil: Ex-professor de Arqueologia da USP, Arthur foi ridicularizado pela comunidade científica e perdeu sua cátedra ao defender a existência de uma civilização avançada na América do Sul, anterior aos Incas e Maias.
- Motivação: Redenção histórica. Ele não busca ouro; busca provar que estava certo.
- O que ele traz: O conhecimento dos glifos antigos, diários de exploradores do século XIX e a obsessão necessária para não desistir quando as pistas desaparecem na selva.
- Prompt: **Detailed anime style illustration, a distinguished 54-year-old man, short salt-and-pepper curly hair, round wire-frame glasses, and a focused, intelligent expression. He is wearing [INSIRA A ROUPA AQUI], standing in [INSIRA A CENA OU AÇÃO AQUI], clean linework, vibrant colors, cinematic lighting.**

2. Elena "Lyna" Vance (A Hacker de Dados de Satélite) - 28 anos

- Perfil: Engenheira de sistemas aeroespaciais e especialista em tecnologia LiDAR (mapeamento a laser subterrâneo). Lyna trabalhava para uma corporação estrangeira de mineração até interceptar leituras de anomalias geométricas perfeitas sob a vegetação densa do Mato Grosso/Amazonas.
- Motivação: Curiosidade e sobrevivência. Ela "roubou" os dados criptografados da empresa e agora é caçada por quem quer manter o segredo enterrado.
- O que ela traz: Tecnologia de ponta de rastreamento, drones de reconhecimento e a capacidade de decodificar as assinaturas energéticas que Ratanabá começa a emitir.

- Prompt para gerar Lyna: **Detailed anime style illustration, a 28-year-old woman, long wavy dark brown hair, focused and intelligent expression, wearing clear tech protective glasses. She is wearing [INSIRA A ROUPA AQUI], [INSIRA A CENA OU AÇÃO AQUI], clean linework, vibrant colors, cinematic lighting.**

3. Kaelen Silva (O Guia e Sobrevivencialista) - 36 anos

- Perfil: Ex-militar das Forças Especiais (CIGS), piloto de avião e nascido na região do Alto Xingu. Kaelen conhece a floresta como ninguém e sabe que há áreas onde os animais não entram e as bússolas giram sem controle. Seu avô contava histórias sobre "os homens de pele de espelho" que viviam sob a terra.
- Motivação: Proteger a floresta e descobrir a verdade por trás do desaparecimento misterioso de seu irmão mais novo em uma expedição anos atrás.
- O que ele traz: Técnicas de sobrevivência extremas, combate, e o respeito/intuição necessários para lidar com os perigos naturais e sobrenaturais da selva.
- Prompt: **A detailed, clean-lined anime/comic book illustration, similar to image_16.png, with vibrant colors and cinematic lighting. Kaelen, a distinguished 36-year-old man of mixed Amazonian and CIGS heritage, with strong facial features, a well-defined stubble beard, and intense, intelligent eyes. His salt-and-pepper hair is styled back in an adventurous, military-grade cut, with classic aviator sunglasses resting on top of his head and large over-ear headphones on his neck. The distinctive band-like tribal tattoos are visible on his right wrist and forearm. He has a focused, ready expression. He is wearing [INSERT CLOTHING HERE], standing in [INSERT SCENE HERE], with a tactical field radio clipped to his vest/clothing and a field device (like a compass or watch) in his hand. Clean linework, vibrant colors, cinematic lighting.**

4. Beatriz "Bia" Rocha (A Jornalista Investigativa) - 31 anos

- Perfil: Repórter e podcaster de true crime e mistérios geopolíticos. Inteligente, cética por natureza, mas corajosa o suficiente para seguir o cheiro de fumaça onde tentam abafar o fogo.
- Motivação: A maior matéria do século XXI. Ela quer expor a conspiração global que tenta esconder Ratanabá do público.
- O que ela traz: Câmeras de alta resistência, conexões com o mercado negro de informações e a habilidade de ler as intenções das pessoas.
- Prompt: **A highly detailed, clean-line anime illustration with vibrant colors and cinematic lighting. The image features Bia, a capable and intelligent young adult female with short, textured auburn hair and an intense, focused expression.**

O INÍCIO

Às margens do Rio Amazonas, comunidades ribeirinhas costumam se reunir em volta da fogueira para contar histórias da vida, lendas e crenças que ressoam vivas através da floresta. Antes mesmo de nomearmos de folclore, os antigos já falavam sobre seres místicos que protegem a mata e punem aqueles que tentam violar a ordem natural.

- Mas vó, como é que isso existe?
- Meu netinho, tem tanta coisa que existe e muitos dizem não acreditar em bobagens, só que tudo que eu vou lhe contar é bem real e a gente respeita. Certo dia, eu estava dentro da floresta, não muito longe, num lugar que ainda dava para ver a fumaça das fogueiras, então significava que ainda estava perto. Estava recolhendo uns galhos para colocar no fogo, até que não encontrei mais e tentei cortar alguns de uma árvore pequena. Foi quando eu ergui o terçado para dar o primeiro golpe. No segundo em que o ferro ia encostar na casca, a floresta inteira ficou num silêncio de dar calafrio. Os pássaros calaram a boca de vez, e até os grilos pararam o cantado. Eu congelei com o braço no ar.

Aí, meu netinho, ouvi um assobio. Mas não era assobio de passarinho não; era um som agudo, longo, que parecia entrar direto na cabeça da gente e fazer a espinha tremer. Olhei para o chão procurando de onde vinha, e as folhas secas começaram a se mexer sozinhas, girando num redemoinho pequeno bem na minha frente.

— E a senhora correu, vó? — perguntou o menino, com os olhos arregalados, fixos nas brasas que estalavam na fogueira.

— Correr? Se eu corresse, as pernas me traíam. Quem corre do dono da mata acaba andando em círculos até sumir no meio do nada. Eu só fiz largar o ferro no chão, abaixei a cabeça e pedi licença. Pedi desculpas por tentar ferir o que estava vivo. Quando o vento parou, olhei para o chão: as pegadas na terra úmida mostravam calcanhares para frente e dedos para trás, sumindo na direção da mata fechada. Ali eu soube, meu filho: a floresta tem donos, e eles guardam segredos que a nossa vista não alcança.

— E o que era, vó?

— É muito provável que fosse um ser que a gente chama de Curupira.

[...]

Aquela mesma história, contada por gerações nas beiras dos rios amazônicos, não era apenas um conto para fazer criança dormir. Era um aviso. Um limite invisível entre o mundo dos homens e as forças que vigiavam a região muito antes do primeiro mapa ser desenhado.

Mas na calada daquela mesma noite, subindo o rio em uma embarcação que cortava as águas escuras e densas, quatro pessoas olhavam para a silhueta da floresta com olhos bem diferentes. Eles não carregavam apenas o medo ou o respeito ancestral, mas as ferramentas que prometiam rasgar o véu daquele mistério.

O barulho do monomotor cortava o silêncio da floresta, era Kaelen pilotando na companhia de Bia, especialista em monitoramento por satélite e que comandava o LiDAR naquela expedição que buscava desvendar os mistérios da Amazônia, que levaram o Dr. Arthur até ali. A equipe formada por quatro pessoas havia chegado à uma comunidade ribeirinha para montar base e sem descansar, revelar os segredos

que o professor tanto acredita existirem e que por sua crença cega fez com que ele perdesse seu prestígio e reputação na comunidade arqueológica brasileira.

Acomodado a um canto, iluminado apenas por uma lamparina fraca, o **Dr. Arthur Mendes**, um arqueólogo obstinado de **54 anos**, revisava diários amarelados do século XIX. Arthur, que outrora fora um respeitado professor da USP, viu sua carreira ser demolida pela academia quando ousou postular que as lendas amazônicas ocultavam a localização de uma metrópole milenar, a cidade de Ratanabá. Para ele, as histórias sobre os "donos da mata" não eram contos de ninar e a imponente cidade de ouro eram reais; eram coordenadas geográficas precisas codificadas em alegorias ancestrais.

Ao seu lado, o brilho azulado de monitores de alta resolução contrastava com as sombras da floresta. **Elena "Lyna" Vance**, a engenheira de sistemas e hacker aeroespacial de **28 anos**, mantinha os olhos fixos nos feixes de dados de satélite. Lyna usava tecnologia LiDAR de varredura subterrânea para penetrar o dossel verde da mata. Ela não estava ali por glória acadêmica, mas por sobrevivência: havia interceptado dados confidenciais de uma mineradora estrangeira que revelavam geometrias perfeitas sob o solo do Amazonas, tornando-se alvo de uma implacável caçada corporativa.

No leme da embarcação, os olhos negros de **Kaelen Silva**, um experiente guia e sobrevivencialista de **36 anos**, perscrutavam a escuridão da margem. Nascido no Alto Xingu e treinado nas forças de elite do CIGS, Kaelen decifrava o comportamento da floresta como quem lê um livro aberto. Ele conhecia o peso do silêncio que a avó do garoto mencionara na história; sabia que na floresta real, anomalias magnéticas desorientam bússolas e fazem os animais silenciarem. Ele aceitará liderá-los não por dinheiro, mas para rastrear o misterioso desaparecimento de seu irmão em uma patrulha militar secreta anos atrás.

Fechando o grupo, a jornalista investigativa **Beatriz "Bia" Rocha**, de **31 anos**, ajustava o microfone direcional de seu gravador, capturando o burburinho metálico do motor contra a imensidão silenciosa da selva. Bia, uma podcaster destemida acostumada a farejar conspirações de bastidores governamentais, registrava cada detalhe da jornada. Ela sabia que estavam prestes a cruzar a "Linha de Huhm", e se

o que Arthur dizia fosse verdade, ela documentaria a maior revelação arqueológica do século.

Após semanas fazendo expedições em solo, na água e no ar, numa noite que parecia comum e sem novidades, eis que um sinal vem.

— Arthur, Lyna, olhem isso... — a voz de Kaelen veio baixa da proa, carregada de uma tensão sutil. O motor do barco tossiu de leve, perdendo rotação sem explicação mecânica.

Na tela de Lyna, os gráficos do LiDAR oscilaram violentamente. As linhas antes confusas de solo e raízes subitamente deram lugar a um padrão de ângulos de noventa graus perfeitos, desenhando calçadas de pedra gigantescas ocultas sob centenas de metros de terra.

Era o que Arthur tanto buscava, aqueles padrões não eram naturais.

Na manhã seguinte, quase antes do sol raiar, o grupo já estava de pé, aliás eles nem conseguiram dormir direito, pois, uma das maiores descobertas da arqueologia nacional e da América do Sul se apresentou ao grupo, não dá para dormir com algo assim pulsando na mente.

Eles navegaram por uma parte do rio, até chegar numa área de clareira, atracaram e desceram. Kaelen foi o primeiro a entrar na floresta e de cara já sentiu que algo não estava como das outras vezes. Um ar pesado que sobrecarregava os pulmões e uma névoa que, até parecia condizer com a hora do dia, mas não era comum está tão baixa ao ponto de tocar o solo.

Cada passo floresta adentro parecia exigir mais esforço do que o normal. Kaelen ergueu a mão direita, um comando silencioso que fez o grupo estacar imediatamente. Ele puxou a bússola militar do colete; a agulha magnética oscilava erratically, apontando para todas as direções antes de girar em um eixo completo, completamente cega.

— O magnetismo aqui está pior do que na água — sussurrou Kaelen, os olhos semicerrados varrendo as copas das árvores que barravam quase toda a luz do

amanhecer. — E esse cheiro... Não é cheiro de floresta. Parece ozônio. Como o ar antes de um raio cair, mas o céu está limpo.

Bia deu um passo à frente, erguendo a câmera com lente de visão térmica. Através do visor, a névoa rasteira não aparecia como vapor d'água frio, mas como uma mancha de temperatura perfeitamente uniforme, quase artificial, que parecia blindar o chão. Ela sussurrou para o microfone de lapela, registrando o momento: *"Dia um. Entramos na zona de exclusão. A atmosfera mudou drasticamente. É como se a floresta estivesse nos rejeitando."*

Logo atrás, Lyna segurava um tablet de alta resistência acoplado ao sistema portátil do LiDAR. Os bipes do aparelho eram curtos e compassados.

— Estamos exatamente em cima do primeiro quadrante geométrico que vimos ontem à noite — informou Lyna, os dedos ajustando a frequência do sinal. — Se o mapeamento estiver correto, a estrutura principal está logo abaixo de nós. Mas precisa haver um ponto de acesso na superfície. Uma abertura, uma falha na rocha... Qualquer coisa.

Arthur não esperou. Movido por uma descarga de adrenalina que desafiava seus 54 anos e a noite inteira em claro, o arqueólogo ultrapassou a linha de Kaelen, ignorando os protocolos de segurança do guia. Seus olhos vasculhavam as bases das sumaúmas gigantescas. Ele sabia que engenharias antigas frequentemente usavam a própria geologia e a vegetação para camuflar suas entradas.

Ele parou abruptamente onde a névoa rasteira parecia fazer uma curva perfeita, contornando o que parecia ser um monte de terra comum. Com as mãos trêmulas, Arthur se ajoelhou e começou a afastar a camada espessa de folhas em decomposição e musgo úmido.

— Professor, afaste-se daí até eu checar o terreno! — advertiu Kaelen, movendo-se rapidamente.

Mas a obsessão de Arthur foi mais rápida. Sob seus dedos, o que parecia ser uma raiz petrificada revelou-se algo completamente diferente. O arqueólogo limpou a superfície com a manga da camisa, trazendo à luz um bloco maciço de uma rocha

escura, polida e fria, que parecia absorver a pouca claridade que passava pelas árvores. Não era granito, nem calcário. Era uma liga mineral perfeitamente cortada.

E cravado diretamente no centro do bloco, um entalhe profundo mostrava uma simbologia que Arthur reconheceu instantaneamente de seus estudos proibidos.

— Não são Incas. Não são Maias... — a voz de Arthur falhou, embargada pela emoção, os olhos fixos na pedra. — É a escrita dos Primeiros. Nós encontramos, meus amigos. Estamos pisando no teto de Ratanabá.

No mesmo segundo em que a mão do arqueólogo tocou o centro do glifo entalhado, um estalo seco ecoou pela clareira, seguido por um som surdo, como o eco de um trovão subterrâneo que fez o solo vibrar sob os pés dos quatro exploradores. A névoa rasteira, antes estática, começou a se agitar intensamente, subindo em espirais rápidas pelas pernas do grupo, como se a própria floresta tivesse acabado de registrar que os portões haviam sido tocados.

O DESPERTAR

Uma mistura de medo, espanto, alegria e euforia tudo ao mesmo tempo tomou conta da equipe ao ver a pedra antiga que Arthur havia encontrado. Bia registrava tudo incansavelmente, mas, ao tentar se aproximar da pedra para filmar, a câmera começou a apresentar falhas, como se sofresse com interferência magnética. Para Kaelen ficou claro que a floresta não queria registrassem e muito menos estivessem ali.

- Gente, sério! Não era para estarmos aqui! Coisas estranhas acontecem no seio da floresta, coisas que nós humanos não saberíamos como lidar. Minha avó já me falou muito sobre isso, sempre achei que eram só histórias, mas não. Precisamos ter muita cautela se a gente quiser seguir em frente.

Arthur, com os olhos fixos nos glifos da pedra, parecia não ouvir as súplicas do guia. Para ele, o chiado da câmera de Bia e o mal-estar físico eram apenas efeitos colaterais de uma energia monumental que estivera adormecida por milênios.

— Kaelen, eu respeito o conhecimento da sua avó — disse Arthur, sem desviar o olhar da rocha polida, a voz trêmula de excitação, não de medo. — Mas cautela não significa fuga. Significa respeito. E o que temos aqui não é um aviso para irmos embora, é um teste de merecimento.

Lyna, que até então estava em silêncio lutando com seu tablet, ergueu a cabeça. Seu rosto estava pálido.

— Bia, desiste da câmera por enquanto — ordenou Lyna. — O magnetismo aqui está tão alto que está embaralhando os sensores do LiDAR também. Eu não estou conseguindo mapear o subsolo, mas estou recebendo leituras de variação de frequência... — Ela fez uma pausa, olhando para o aparelho. — Não é uma interferência aleatória. Parece um padrão. Quase como... uma pulsação cardíaca.

Bia, frustrada, baixou a câmera, mas imediatamente puxou um bloco de notas físico e uma caneta de seu colete. Se não podia filmar, escreveria cada detalhe.

— Uma pulsação? — Bia perguntou, já anotando. — Da pedra?

— Da estrutura inteira sob nossos pés — respondeu Lyna, a voz falhando levemente ao lembrar-se de quem a perseguia. Se aquela energia era tão poderosa, sua antiga empresa faria qualquer coisa para obtê-la.

Kaelen agarrou o ombro de Arthur com firmeza, forçando o arqueólogo a encará-lo. O cheiro de ozônio estava ficando insuportável, e o silêncio da floresta ao redor deles era antinatural, quebrado apenas pelo zumbido técnico dos equipamentos falhando e o som da respiração pesada do grupo.

— Professor, o senhor não está entendendo — disse Kaelen, os olhos negros semicerrados. — O Curupira, a Matinta Perera... eles não são apenas monstros de histórias. São os guardiões. E nós acabamos de bater na porta deles com um martelo magnético. Essa névoa... ela está subindo. Se ficarmos parados, ela vai nos engolir e não saberemos voltar.

Arthur olhou para Kaelen, depois para a aflição de Lyna e a determinação de Bia. Ele suspirou, capitulando parcialmente.

— Está bem, Kaelen. Você lidera. Mas não vamos voltar para o barco. Nós orbitamos a área. Procuramos a entrada física que o LiDAR indicou antes de falhar. Se Ratanabá está pulsando, ela está ativa. E se está ativa, precisa de uma porta.

No momento em que Arthur concordou, os glifos na pedra escura, que ele reconheceu anteriormente como a escrita dos Primeiros (os mesmos símbolos vetorizados que vimos antes: o sol, a espiral, as ondas e as chaves runas),

começaram a emitir uma luminescência azulada muito tênue, quase imperceptível sob a névoa, mas suficiente para fazer Kaelen recuar um passo.

A névoa rasteira, como se respondesse à luz, moveu-se rapidamente, não para cima, mas girando em torno da base da pedra, revelando que a rocha não estava apenas fincada na terra, mas parecia ser o topo de uma estrutura em forma de cunha que se aprofundava no solo.

— Não precisa procurar muito, Professor — sussurrou Bia, apontando para a base da pedra onde a névoa se afastara. — A porta acabou de nos convidar para entrar.

Ali, na face da cunha agora revelada, uma fenda vertical perfeita começou a se alargar, exalando um ar gelado e seco que contrastava violentamente com o calor úmido da floresta amazônica. O mistério de Ratanabá não estava apenas esperando; ele estava se abrindo.

A porta se abriu, revelando o que pareciam ser escadas que levavam para um subsolo, uma câmara enorme abaixo do chão. Estava muito escuro e se ouviam assovios, gritos e risadas até, tudo vindo de dentro e do lado de fora da floresta. Lyna pensou em recuar, estava gélida e trêmula, não se sabe se de frio ou medo. Mas, ainda assim, eles pegaram as lanternas, acenderam alguns sinalizadores e desceram pelas escadas.

Kaelen foi o primeiro a pisar no degrau de pedra, sua lanterna militar cortando a escuridão absoluta. Bia e Arthur vieram em seguida, e Lyna, após um segundo de hesitação paralisante na entrada, foi empurrada para dentro pela própria névoa rasteira, que parecia fechar a porta atrás deles com um suspiro gelado.

— Kaelen, os assovios do lado de fora... eles pararam? — perguntou Bia, a voz abafada pelo eco da câmara.

— Não pararam. Eles estão abafados — respondeu o guia, a voz tensa, a lanterna tática fixada em sua arma. — E as risadas daqui de dentro... elas são diferentes. Não são humanas.

A descida era íngreme. As escadas não eram de pedra bruta, mas daquela mesma liga mineral escura e polida que Arthur encontrara na superfície. O ar era tão gelado que cada respiração formava uma pequena nuvem de vapor, e o cheiro de ozônio e poeira milenar era sufocante.

Quando finalmente atingiram o chão da câmara enorme, Kaelen acendeu dois sinalizadores de magnésio. O brilho vermelho intenso e repentino revelou uma cena que fez até Arthur recuar um passo.

A câmara era colossal, o teto invisível nas sombras. As paredes eram cobertas de glifos e painéis de controle embutidos na rocha, brilhando com uma energia interna tênue e azulada. O som da pulsação cardíaca que Lyna detectara anteriormente era aqui ensurdecedor, vibrando no peito de cada um deles.

— Arthur... — Lyna sussurrou, tremendo, apontando para o centro da câmara.

No centro havia uma pirâmide, não dava para ver se era de ouro como a lenda pregava, mas era muito grande. Assemelhava-se às pirâmides maias e incas, porém, com algumas características próprias, alguns símbolos eram indecifráveis, outros lembraram figuras até conhecidas.

Eles resolveram descer mais e ir até a pirâmide. Lá haviam passagens dos 4 lados, provavelmente levavam para o mesmo ponto de encontro dentro dela, mas ninguém quis arriscar em se dividir. Ela não era inteira de ouro, mas, alguns blocos intercalados eram de ouro maciço, com gravuras. Era lindo. Arthur estava encantado, pasmo e muito feliz.

Kaelen passeava sua lanterna pelas paredes e reconheceu um símbolo elementar: fogo. Outros mais difíceis de saber e logo ao descer um degrau da grande escada para o centro da pirâmide, viu uma figura que lembrou das histórias de sua avó: era um rabisco hieroglífico do Curupira. Ele reconheceu de cara pelos pés virados para trás.

— Vejam isso aqui... — a voz de Kaelen saiu baixa, o fecho da lanterna estático no hieroglífico da parede. — Minha avó não estava louca. A história do nosso povo está desenhada bem aqui.

Arthur se aproximou rapidamente, os olhos brilhando de fascinação. O Curupira não era uma estátua ou um guardião físico dali; era uma crônica esculpida, um registro histórico entalhado na rocha ao lado dos blocos de ouro maciço.

Nas paredes ao redor, os símbolos pareciam espalhados de forma solta, como glifos de uma escrita perdida. Além da figura de pés invertidos e do símbolo elementar do fogo que Kaelen havia notado antes, havia dezenas de outras marcações misteriosas que misturavam forças da natureza e formas geométricas complexas, cobrindo a estrutura de pedra.

À frente do grupo, as quatro grandes passagens da pirâmide se abriam escuras e idênticas, uma em cada ponto cardinal.

— Não há nenhuma indicação clara de diferença entre as entradas — observou Bia, movendo a lanterna de um corredor para o outro. — Mas os glifos nas paredes parecem cercar toda a base. Para onde quer que a gente vá, estaremos andando entre eles.

— O importante é continuarmos juntos. Dividir o grupo aqui fora de cogitação — alertou Kaelen, mantendo a guarda alta enquanto observava os desenhos soltos na parede.

Lyna deu um passo à frente, tentando fazer com que o tablet processasse aquela proximidade com o ouro. No momento em que seu pé pressionou o chão logo após o último degrau, um som grave ecoou sob seus pés. Como se tivesse ativado algo, pois, se ouviu no fundo da escada de uma das entradas, um som muito estridente, como se algo tivesse caído, e assim eles resolveram seguir por aquela entrada.

Todos foram com cautela descendo os degraus, exceto Bia, que estava ainda assustada e tentando assimilar aquilo tudo que estava acontecendo, ela acreditava no fundo que a cidade existia, mas não naquelas proporções e cercada de coisas sobrenaturais. Sua câmera estava dando sinais de que iria funcionar e então ficou captando o que dava para capturar.

A medida que os outros três desciam, o ar ficava mais rarefeito, o cansaço ia tomando conta, junto com o coração disparado, tudo parecia mais difícil. Lyna estava muito quieta, passeando pelos glifos na parede, até que após muito degraus, chegaram a uma grande câmara. Kaelen sentiu um líquido viscoso no que pareciam ser suportes de tijolos, e resolveu acender um sinalizador. Encostou no líquido e que perfeito: o líquido era inflamável e se acendeu prontamente, iluminando toda a

câmera que mais parecia um mausoléu, pois, no centro havia uma grande mesa de de blocos de ouro e um sarcófago com entalhes e mais inscrições.

Não tiveram dúvidas, se aproximaram do sarcófago e notaram que ele não estava fechado, estava com sua tampa afastada, como se já tivesse sido violado.

- Não é possível! Como ele pode estar aberto? Quem que conseguiu encontrar esse lugar esquecido por Deus? - Indaga Arthur de forma veemente.
- Este lugar deve existir a milhares de anos, Arthur, alguma civilização deve ter encontrado, selado a porta, não sei. Não podemos julgar sermos os primeiros a encontrar Ratanabá.

Quem quer tenha encontrado Ratanabá, não foi de agora, não haviam marcas preservadas de nada que sugerisse violação recente.

Lyna passeava com seu tablet observando as inscrições nas paredes, no sarcófago, no chão, mas ao dar a volta pela mesa, ela surta e dá um grito estridente. Também, não era para menos, ela viu ossos.

- Arthur, Arthur!
- O que foi, menina? O que...

O que os olhos de Arthur viram foram os ossos do que parecia ser um explorador do século passado. As roupas não se assemelhavam às roupas de agora, mas pareciam ser brasileiras mesmo. Ao examinarem com cuidado, eles viram que os restos mortais seguravam um pequeno bloco, como um caderno pequeno de anotações.

Arthur pegou o bloco e o folheou. Estava repleto de anotações, comparações, tentativas de traduções que até então não revelavam nada. Porém, nas últimas folhas ele encontrou escrito: DEIXEM RATANABÁ. Repetidas vezes, como se quisesse alertar sobre os perigos que cercavam a cidade. Kaelen, notou que os restos estavam sobre uma placa, que parecia de pedra, parecia pertencer à cidade. Imediatamente ele puxou a placa de pedra e viu que aquilo se assemelhava a um mapa. Mas era um mapa que levava ao sarcófago, onde eles já estavam. A placa

estava repleta de figuras, incontáveis e Kaelen notou que havia o Curupira mais uma vez e o símbolo do fogo e tudo apontava para o sarcófago.

Foi aí que ele resolveu empurrar mais a tampa, pediu ajuda e quando conseguiram afastar mais, viram que dentro havia uma caixa rústica, com lâminas de papel antigo, com desenhos e inscrições, várias delas, muitas estavam sem nada escrito, somente pedaços de papel em tamanho iguais. Enquanto Arthur e Kaelen olhavam o achado no sarcófago, Lyna folheava o caderno encontrado com os ossos e viu algo perturbador: estava escrito que aqueles que violaram o sarcófago inicialmente não apenas abriram um túmulo, mas libertaram do sono eterno criaturas com as quais não podemos conceber e muito menos controlar.

- Gente, é melhor vocês virem olhar isso aqui.
- O que foi, Lyna? Perguntou Arthur.
- Esse cara que morreu aqui escreveu coisas incríveis sobre o lugar, principalmente sobre forças sobrenaturais que atuam aqui e que a gente nem sonha que existam. Os antigos fundadores da cidade, aprisionaram essas criaturas com magia pesada, em forma de blocos ou cartas, que é o que mais parecem, mas, essa gente que veio aqui acabou libertando-os quando abriram a tumba.
- Kaelen pergunta: o que é que você tá falando, Lyna?
- É sério! Está escrito aqui. Se for verdade...
- Mas é verdade - diz Kaelen - aqui estão os blocos ou cartas, estão vazios, não há nada neles. Sumiram.

Lyna teve uma ideia. Lembrou da placa de pedra que estava embaixo do homem morto e resolveu contar os quadrados que estavam lá. 150 pelo menos.

- Eu contei 150 blocos, quer dizer que podem existir 150 cartas. Quantas tem aí, Kaelen?
- Umas 50 ou 60. Mas não têm nada escrito.
- Fugiram. Sumiram. O vento levou.
- Se aqui só temos umas 60, significa que pelo menos 90 estão perdidas por aí.

Kaelen tem um momento de introspecção, lembra das histórias da avó, de que haviam os guardiões das florestas, que era coisa séria, que deveríamos respeitar e jamais mexer com coisas que não sabemos as consequências.

De repente eles se sentiram muito cansados, sem ar. Começaram a subir os degraus o mais rápido que podiam, na tentativa de buscar ar. Conseguiram sair de lá e encontram Bia perambulando pelos arredores da grande pirâmide.

- Mas onde diabos vocês estavam? Chamei pra caramba por vocês!
- Nós não ouvimos. - disse Lyna.
- Eu estou com muito, muito, muito medo.
- Porque?
- Vocês não vão acreditar, mas, ainda bem que a câmera capturou algo.

As imagens da câmera capturou pequenos redemoinhos na vegetação rasteira, assobios e uma luz avermelhada como fogo que se acendia e apagava em cantos diferentes muito rapidamente.

- Era o Curupira. Não tenho dúvida! Era ele. Ele.
- Calma, meu jovem, acalme-se!
- Estou falando para vocês. É real.
- Mas, o que é isso na sua mão, Lyna?
- Ora, eu não ia até lá embaixo e deixaria as cartas lá, não é?
- Estão vazias.
- Mas eu quero, ora. Vou...

Nesse momento, as visões de Bia começaram a aparecer perto deles. Era verdade! Redemoinhos e assobios somados ao clarão. Até que de repente uma pequena criatura se formou bem diante dos olhos deles. Era mesmo o Curupira: aquele que protege os animais e as árvores contra caçadores predatórios e desmatadores, com seus pés para trás ele confunde os caçadores fazendo-os seguir na direção oposta e se perdendo na mata. O que eles acreditavam ser só crendice popular, estava diante deles.

Ele não falava, apenas observava. Mudava de posição e continuava com seus assobios pavorosos para os ouvidos. Lyna continuava a percorrer os olhos naquela

tábua, até que ela vira e vê o que tem na parte de trás. Foi aí que Kaelen vê as inscrições e diz:

- Isso aí, Lyna! Atrás! Está em tupi-guarani. Minha avó me ensinou. Parece ser bem antigo, mas ainda assim dá pra ler.

Na pedra está escrito: **Anhangá oýbaba mboûasáûa oasá bae upé: pe-je-bo-ý-bý mair-morangatá nhe'ẽ-pûã-asý bopé, e-j-be-býî upa-kuá kuaítí-pora upé. Ybyrá-kûã-atã oré remimotara to-íe-pûã, pe mo-marã-aûa to-mbo-ûasá!**

Kaelen traduziu para todos: Espíritos errantes que cruzam o véu: curvem-se perante o poder do mestre e retornem a este selo. Prevaleça a nossa vontade!

Ele mal começou a ler as inscrições e o Curupira pareceu se aproximar, com feição de zangado, seus cabelos estavam se acendendo em chamas. Foi assim que Kaelen entendeu o que deveria ser feito.

- Kaelen, para onde pensa que vai? Está chegando muito perto. - Falou Arthur.
- Eu vou para perto dele, Arthur, proferir estas palavras. Lyna, rápido, me dá um desses blocos, cartas, sei lá. Rápido.

Um parecia ir ao encontro do outro, como se estivessem conectados por uma energia ancestral. Então, quando ele estava numa distância considerada ideal, Kaelen começou a proferir em tupi-guarani as palavras. Imediatamente, a figura mística em sua frente se retorceu, virou uma energia que se movia rápido e se chocou contra a carta que estava no chão, pois, Kaelen não conseguiu segurar tamanha força. O brilho do choque foi intenso e então todos fecharam os olhos, aquilo clareou toda a área de Ratanabá. Ao olhar para a carta no chão, ele viu que estava a figura do curupira aprisionada, com inscrições e outros desenhos.

- Meu Deus do céu! O que é isso que eu acabo de presenciar? - Fala Bia totalmente desconcertada.
- Arthur, isso não é brincadeira. Não é ego ferido. É uma coisa muito séria! - reafirmou Kaelen com toda a sua preocupação de onde estarão as outras cartas e criaturas.

- Eu sei, meu filhos! Eu sei. Ratanabá existe. As lendas e crenças, pelo que acabamos de ver, não são tão lendas quanto pensávamos. Vamos voltar para o barco. Precisamos assimilar tudo que vivemos hoje.

Eles voltaram pelo caminho que entraram. Havia muito mais em Ratanabá. Aquilo era só o começo de algo incrivelmente mágico e misterioso que estava prestes a ser revelado.

O QUE VEM DEPOIS

O sol ainda lutava para romper a névoa sobre o rio quando a embarcação atracou no pequeno porto de madeira. Os quatro desceram em silêncio, carregando mochilas cobertas por lama, equipamentos danificados e perguntas demais para uma única expedição. A floresta parecia distante agora, mas a sensação de estar sendo observado permanecia.

— Não contem nada para ninguém até analisarmos tudo — disse Arthur, enquanto retirava cuidadosamente um pequeno estojo metálico da mochila. Dentro dele repousavam as duas cartas encontradas em Ratanabá.

Nenhuma das duas possuía qualquer escrita conhecida. Apenas símbolos dourados que pareciam mudar discretamente conforme a luz incidia sobre suas superfícies.

— Você viu isso? — perguntou Bia.

Arthur ergueu os olhos.

— Ver o quê?

— O desenho... ele acabou de mudar.

Os quatro olharam novamente.

Nada.

Bia respirou fundo.

— Esquece... devo estar cansada.

Mas ela não estava.

No instante em que fechou o estojo, um dos glifos realmente havia se alterado.

Na sede da Fundação Arca, Magnus Valverde permanecia diante do enorme mapa holográfico. Pequenos pontos luminosos representavam artefatos conhecidos espalhados pelo planeta. Alguns permaneciam verdes havia décadas. Outros, amarelos, exigiam monitoramento constante.

Dois deles acabavam de mudar para vermelho.

Uma jovem analista aproximou-se.

— Confirmado, diretor. Houve uma ativação.

Magnus fechou lentamente os olhos.

— Quantas?

— Duas assinaturas.

Ele permaneceu alguns segundos em silêncio.

— Não... isso é impossível.

A analista hesitou.

— Senhor?

Magnus caminhou até uma antiga estante de madeira, completamente deslocada em meio à tecnologia da sala. Retirou um livro de couro escurecido pelo tempo e abriu uma página marcada por dezenas de anotações.

No centro havia uma ilustração de sete símbolos circulares.

Dois deles brilhavam suavemente.

Pela primeira vez em muitos anos, o velho diretor perdeu a serenidade.

— Avisem todas as bases. Quero equipes em Manaus antes do anoitecer.

— Devemos recuperar as cartas?

Magnus respondeu sem sequer levantar a cabeça.

— Não.

A analista franziu a testa.

— Então qual é a missão?

Magnus fechou o livro.

— Encontrar Arthur antes que eles encontrem Arthur.

Na mesma noite, em um casarão abandonado no interior do Pará, uma figura encapuzada entrou em uma sala tomada por raízes que atravessavam paredes e teto. No centro havia um pedestal de pedra coberto por inscrições ancestrais.

Sobre ele repousava uma única carta. Diferente das demais, ela estava completamente negra. Sem ilustração. Sem nome. Sem qualquer símbolo. Apenas uma rachadura dourada percorria seu centro. O homem estendeu a mão, mas não tocou na carta.

Sorriu.

— Então... os guardiões finalmente despertaram.

A voz que respondeu não veio de pessoa alguma.

Ela ecoou de dentro da própria pedra.

— **O primeiro selo enfraqueceu.**

A figura permaneceu imóvel.

— Ainda não.

A voz tornou a falar.

— **Mas eles darão o próximo passo por vontade própria. Como sempre fizeram.**

O homem inclinou a cabeça em sinal de respeito.

— Então esperaremos.

Na superfície escura da carta, por um breve instante, surgiu o reflexo de um rosto impossível de distinguir.

E desapareceu.